



RESENHA

Trata-se de dois povos que dividiram por cinquenta anos uma unidade política e econômica, além de partilharem um local e vários aspectos culturais de suas vidas cotidianas. No entanto, o ponto mais interessante desse diálogo, é o fato de que o miliciano buscando a própria identidade acaba por afirmar que eles (sérvios) e os croatas são todos iguais, em suas palavras, “lixos dos Balcãs”.

Nesse diálogo, a identidade é claramente marcada por símbolos, a exemplo do cigarro, que no contexto, funciona como um significante da diferença e da identidade, e que pode ser associado à masculinidade. Woodward nos leva a compreender que a identidade é uma construção simbólica e social. Ainda com base no diálogo, a autora traz o conceito de identidade nacional, um conceito que é produzido por figuras masculinas e ligadas por uma ideia militarista de masculinidade.

438

A autora aponta que a identidade é marcada pela diferença, a emergência das diferenças de identidades é histórica e está localizada em um momento específico do tempo. Buscar no passado a reafirmação das suas identidades pode produzir novas identidades, e era isso que estava acontecendo com os sérvios e croatas. Essa redescoberta do passado faz parte de um processo que a autora chama de construção da identidade, processo esse que tem como características o conflito, a contestação e uma possível crise, e que segundo ela é algo que está acontecendo no mundo neste momento. Mas, o que nos leva a crer que existe uma crise da identidade?

Para responder essa e outras questões, Kathryn Woodward afirma que é necessário um quadro teórico que possa ampliar a compreensão dos processos que fazem parte da construção da identidade, e estabelecer os conceitos centrais que estão envolvidos na discussão. Os pontos abordados neste capítulo são permeados pelo conceito de identidade, por visões de identidade, pela relação identidade e diferença, pelo vínculo da identidade com condições sociais e materiais, pela construção e a manutenção das identidades com base no social e no simbólico, pela não unificação das identidades, e pelo fato das pessoas assumirem posições de identidade e se identificarem com elas.

Para analisar o conceito de identidade é necessário examinar como a identidade é inserida no circuito da cultura² (identidade, representação, regulação, consumo e produção), e para compreender por que este conceito é tão importante, é preciso examinar as preocupações da atualidade com questões de identidade e diferença. A autora coloca a diferença como um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais são produzidos os significados, e discute esse conceito com bases em obras de Lévi-Strauss e de Mary Douglas.

Woodward fecha sua linha de raciocínio acerca das questões identitárias discutindo como a identidade e a subjetividade são colocadas como termos de mesmo sentido, uma vez que para ela a subjetividade envolve os pensamentos e as emoções (conscientes e inconscientes) que compõem as nossas compreensões de quem nós somos. E para discutir essa dimensão psíquica da identidade a autora se apropria de conceitos de Althusser e Lacan, e conclui afirmando que

A discussão das teorias psicanalíticas sugeriu que, embora as dimensões sociais e simbólicas da identidade sejam importantes para compreender como as posições de identidade são produzidas, é necessário estender essa análise, buscando compreender aqueles processos que asseguram o investimento do sujeito em uma identidade (p.68).

Assim, é possível concluir desse ensaio que as diferenças e as identidades são construídas e estão em constante mudança, uma vez que não são fixas. Porém, ainda investimos em identidades porque elas podem nos ajudar a compreender e participar da subjetividade da psicologia humana.

2 É necessário analisar os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação. Como se trata de um circuito, é possível começar em qualquer ponto; não se trata de um processo linear, sequencial.



A produção social da identidade e da diferença

Em seu ensaio, Tomaz Tadeu da Silva dá continuidade a discussão sobre identidade e traz explicações que, a meu ver, ficaram incompreendidas no texto de Woodward. E inicia sua escrita abordando uma perspectiva sobre a diversidade e como ela tende a naturalizar a diferença e a identidade. De forma bem didática, ele afirma que “a identidade é simplesmente aquilo que se é”(p.74), é o “ser”: “sou homem”, sou sergipano”, “sou jovem”; já a diferença, “é aquilo que o outro é”, “ela é índia”, “ela é mulher”, “ela idosa”. A diferença e a identidade são codependentes e elas simplesmente existem.

Em um mundo homogêneo, onde as pessoas partilham a mesma identidade, as afirmações de identidade não teriam sentido. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade, afirmando essa mútua dependência, identidade e diferença são indissociáveis, e elas são criações sociais e culturais. O autor afirma que, a identidade (ou mesmidade) apresenta sempre o traço da diferença (ou da outridade). Embora exista essa co-dependência entre elas, a diferença e a identidade são impostas e disputadas, pois estão em uma estreita relação de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas do poder (p.81). Não há inocência na relação entre a identidade e a diferença.

O autor traz na sua escrita um ponto sobre as relações de identidade e diferença que também foram apontados por Woodward em seu ensaio. Segundo Silva, esses dois conceitos ordenam-se em torno de oposições binárias: homem/mulher, branco/preto, homo/hetero. Ele também chama a atenção para o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, e afirma que a teoria feminista e a teoria *queer* corroboram para o questionamento das relações binárias, nas quais se baseiam o processo de fixação das identidades sexuais e de gênero. Assim, a possibilidade de ultrapassar as linhas das fronteiras e de “ficar em cima do muro”, de ter uma identidade dúbia, indefinida, é uma demonstração de caráter imposto artificialmente por identidades fixas.

Compreendendo a identidade como um significado atribuído ao sistema cultural e social, os estudiosos da teoria cultural têm expres-



sado esse mesmo pensamento através do conceito de representação. Silva defende que é por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido, pois é através dela que a identidade passa a existir. Ainda segundo ele, quem tem o poder de representar, também tem o poder de definir e determinar a identidade. Nesse contexto, questionar a identidade e a diferença significa questionar os sistemas de representação que lhes dão suporte e sustentação.

Embora em termos conceituais o ensaio de Silva apresente algumas ideias que também são discutidas por Woodward, o segundo ensaio do livro aborda um campo relacionado à identidade e a diferença que muito me chamou a atenção, uma compreensão pedagógica a respeito de identidade e da diferença. O autor considera que essa questão vai além de um problema social, é também pedagógico e curricular, se mostrando ele a favor de uma estratégia pedagógica e curricular que aborda a identidade e a diferença e que leva em conta as contribuições da teoria cultural recente, na qual tratariam a identidade e a diferença como um problema político. Na visão dele, uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem por obrigação colocar em seu centro uma teoria que permita não apenas celebrar e reconhecer a diferença e a identidade, mas também questioná-las.

De uma forma generalizada podemos concluir do escrito de Silva que a identidade não é uma essência, não é um dado, não é um fato, não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, homogênea, definitiva, acabada, tampouco idêntica. Ela é uma construção, um feito, um processo de produção, é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada. Em resumo, identidade é o que se é!

Quem precisa de identidade?

O último ensaio do livro é de autoria Stuart Hall, o título que enuncia o texto é o ponto de partida utilizado por ele para iniciar a discussão. Mas antes disso, ele traz uma afirmação que faz o leitor refletir sobre o conceito de identidade na contemporaneidade. Segundo Hall, a emergência de discussões acerca da questão da identidade tem trazido também duras críticas ao conceito. Mas, na verdade, quem precisa de identidade?



Para responder a esse questionamento Hall aponta dois caminhos, o primeiro “consiste em observar a existência de algo que distingue a crítica desconstrutiva à qual muitos conceitos essencialistas têm sido submetidos” (p.103). o segundo caminho “exige que observemos onde e em relação a qual conjunto de problemas emerge a *irreducibilidade* do conceito de identidade” (p.104). Buscando expressar melhor as questões que permeiam a identidade, o autor se embasa em escritos de Foucault, e afirma que é buscando redefinir a relação entre sujeitos e práticas discursivas que as questões da identidade (ou de identificação) reaparecem. Além de Foucault, Stuart Hall evoca outros teóricos para desenvolver sua escrita, dentre eles Freud, Lacan e Althusser.

O conceito de identidade que Hall desenvolve não é um conceito essencialista, e sim um conceito estratégico e posicional. A concepção de identidade, segundo ele, não tem como referência aquele segmento do “eu” que permanece idêntico ao longo do tempo, tampouco aquele “eu coletivo que se esconde dentro de outros eus”. A identidade é concebida em um discurso e, nesse discurso, precisamos entendê-la como produto de um determinado sítio histórico, por meio de estratégias e medidas específicas, e na formação e práticas discursivas específicas.

Diferente dos outros textos presentes no livro, esse último se atenta às questões de identidade e identificação. Stuart Hall reforça o que foi escrito por Woodward e Silva, quando afirma que as identidades não são unificadas, nem singulares, e estão sujeitas a uma historicização radical e, com isso, estão em constante processo de mudança e transformação. Mas ele não aborda as questões sobre diferença de maneira explícita.

A leitura deste livro é de grande valia, visto que ele gira em torno da identidade e da diferença de uma forma clara e bem fundamentada. O tema é bastante atual e importante para discutir nosso contexto contemporâneo. Os autores trazem um conteúdo rico e profundo e uma escrita agradável de ler porque seus depoimentos não são enfadonhos.

